
SOBRE HISTÓRIA E HISTORICIDADE EM EDMUND HUSSERL

Maria Aparecida Viggiani Bicudo¹

Resumo: Este artigo trata da História e historicidade na obra de Edmund Husserl. Faz uma incursão no modo pelo qual aparece a posição desse autor sobre História e sobre Psicologia, desde o início de seus trabalhos até a fase final em que os apresenta, quando de seu falecimento. Evidencia as ideias nucleares na concepção de historicidade, como: origem, eu, outro, intropatia, intersubjetividade, linguagem, constituição da idealidade das ciências matemáticas e formais e respectiva duração na cultura. Destaca o primado do presente na concepção de história por ele elaborada.

Palavras-chave: Fenomenologia; história; historicidade; origem; momento presente; psicologia.

Abordar história e historicidade em Husserl, leva-nos ao “Crise das Ciências Europeias Contemporâneas” (HUSSERL, 2008) e a muitos trabalhos por ele escritos, que estão no em torno das datas da edição dessa obra. Dentre esses trabalhos, alguns constam como

¹ Professora Titular de Filosofia da Educação (aposentada). UNESP – IGCE. Campus de Rio Claro. Professora da Pós-Graduação Stricto-Senso Educação Matemática e seus fundamentos filosóficos e científicos. Pesquisadora do CNPq. mariabicudo@gmail.com

Anexos, das edições traduzidas para o inglês (1970) e mesmo para o português (2008). De ambas constam o “A origem da Geometria” que, conforme meu entendimento é um trabalho que expõe, ao modo de uma síntese, seu pensamento sobre a constituição das ciências exatas formais, tomando como exemplar a Geometria. Ao expor essa constituição traz, nesse movimento, a origem dessa ciência, entendida de modo não histórico factual, mas como fundada na intuição original de uma subjetividade e no *a priori* histórico. São expostas ideias nucleares a essa constituição como a intropatia e a linguagem, as quais, por sua vez, se enrolam nas articulações da constituição da comunicabilidade, ou seja, conforme meu entendimento, no processo de expor em linguagem o sentido articulado e, concomitantemente, de modo entrelaçado, pelo ato entropático, constituir intersubjetivamente e abrir espaço para a constituição da comunidade.

Já de imediato é preciso destacar que junto à questão da história, comparece, nesses seus escritos, a ideia de horizonte e de mundo-vida. No conjunto de sua obra, o que significam as intuições que o conduziram a trabalhar com essas ideias? São consonantes com a fenomenologia, assumida por ele como ciência do rigor, ao explicitar, de modo claro, a diferença entre assumir-se a “atitude natural”, apresentada como sendo aquela do realismo ingênuo, presente nas ciências da natureza, e a “atitude fenomenológica” mediante a qual se caminha para a fenomenologia transcendental? Essas ideias significam uma ameaça ao programa da fenomenologia husserliana?

Exporei algumas críticas que ou mostram a incompatibilidade dessas ideias com os trabalhos anteriores desse autor, ou argumentam a respeito de a fenomenologia, ao assumir o solo histórico e cultural do mundo-vida, deixar de trabalhar sem pressupostos, uma vez que esse solo já seria seu pressuposto. Assumirei, e aqui concordo com Carr (1970), que são sim ideias poderosas que aparecem no

pensamento tardio desse autor, indicando sua vivacidade e força como pensador, que estava sempre no movimento de recomeçar sua filosofia, criticando o que já havia esclarecido e produzido e sempre criticando o método fenomenológico assumido em seu trabalho. Esta afirmação encontra em De Boer a seguinte explicitação:

O problema das ciências normativas o (a Husserl) conduziram – como Brentano – a uma análise a priori da consciência. Essa análise levantou o problema de encontrar uma a priori da ciência, cuja solução encontrou na doutrina da intuição das essências. Mas essa doutrina também não foi terminal. Os problemas que permaneceram conduziram, finalmente, a uma radical revisão da ontologia e a uma nova ideia de filosofia. Em seus esforços para encontrar essa filosofia, Husserl repetidamente engajou-se em renovadas reflexões sobre o problema dos ‘caminhos’ e redução. Assim, no final de sua vida, como Moisés, que havia visto a terra prometida mas não lhe foi permitido adentrá-la e cultivá-la. (1978, p.505) – Tr. Autora.

Caminho, ainda, neste texto, expondo minha compreensão de que história e mundo-vida necessariamente não conduzem a um embaçamento da experiência vivida como sendo o primado do conhecimento do mundo, mas abrem às compreensões que aceitam esse primado e desdobramentos que estão entrelaçados aos atos da consciência e constituição da intersubjetividade, que consigo carrega a da comunidade a qual sustenta a organização social.

A crítica da história e da psicologia

O tema da história está presente no pensamento de Husserl desde o primeiro decênio de 1900, estando suas ideias, a esse respeito, claramente postas no *Philosophie als strenge Wissenschaft* (Filosofia como ciência rigorosa), de 1910. Tomarei esta obra como ponto de referência para trabalhar a concepção de história que

então ele expunha e contra a qual se colocava. Valho-me, em meus estudos, da tradução desse texto para a língua inglesa efetuada por Quentin Lauer, publicada no livro *Phenomenology and the Crisis of Philosophy* (1965), referindo-me a ele na língua portuguesa, mediante minha tradução.

Na *Filosofia como Ciência Rígida*, Husserl se coloca contrário ao estudo da história, tomando-a como história factual e, nessa direção, tece argumentos oriundos de sua discussão sobre a ciência natural. Ao fazê-lo, traz, no movimento do seu pensar argumentativo, a psicologia factual.

No “A Crise das Ciências Europeias” (1970; 2008) em seus parágrafos 9 e seguintes, quando faz toda uma análise do trabalho de Galileu, no que diz respeito à matematização da natureza, Husserl expõe, de modo detalhado, como essa concepção foi crucial para o estabelecimento das ciências do período moderno, inicialmente a física, em seguida a química e, na esteira do sucesso dessas, as ciências empíricas e as do espírito.

Ao tomar o espaço geométrico, tal como presente na obra de Euclides, portanto idealizado, Galileu cria um modo de proceder, então inédito, para trabalhar com a física, pois os objetos dessa ciência passam a ser estudados no espaço “idealmente exato”, o que significa que já não estão sujeitos às facticidades do mundo sensível. A exatidão, assim obtida, é dada como objetivação, ou seja, como um espaço objetivo e exato, visto como perfeito para obter-se conhecimento objetivo e seguro. Instala-se, desse modo, um racionalismo que vem a sustentar os métodos investigativos de todas as ciências naturais. Essa visão racionalista se amplia, estendendo-se para uma visão naturalista e formatando uma concepção de naturalidade das ciências. Essas racionalidade e concepção tomaram conta do universo científico do mundo ocidental, abrangendo as ciências formais, as empíricas e as

do espírito. Portanto, abrange a psicologia, entendida como ciência natural e a história, como ciência factual.

No §58 do “A Crise das ciências europeias” (2008, p. 217), Husserl afirma: “A tarefa posta pela psicologia moderna, e por ela assumida, era a de ser a ciência das realidades psicológicas, dos homens e dos animais, como seres unos, articulados, porém, em dois estratos”.

Entretanto, as realidades psicológicas são entendidas por essa ciência tão somente como o modo de ser real dos objetos físicos, recusando-se a admitir qualquer realidade ao ideal. Toma para si a tarefa de estudar os fatos psicológicos, em sua empiricidade, naturalizando-os e, ao fazer isso, de acordo com Husserl, ela se afasta de sua característica essencial, uma vez que naturaliza a consciência e as ideias. Ela se atém ao estudo dos fenômenos psíquicos, naturalizados, e, portanto, passíveis de serem investigados de acordo com a cientificidade do método das ciências exatas, que têm na observação e análise das experiências um ponto central.

De acordo com Husserl,

A Psicologia Moderna não mais quer ser uma ciência da ‘alma’, mas, ao contrário, dos ‘fenômenos psíquicos’. Se for isso que ela quer, então deveria estar apta para descrever e determinar esses fenômenos com rigor conceitual. Deve ter adquirido os conceitos rigorosos necessários mediante trabalho metódico. (Husserl, 1965, p. 99).

Seria, portanto, necessário que a psicologia se colocasse a pergunta “o que é o exato em psicologia?” de tal maneira que o trabalho metodológico rigoroso pudesse ser por ela efetuado. Isso não ocorre e ela acaba por proceder do modo pelo qual procedem as ciências naturais que tomam para estudo a experiência ingênua, naturalizada e tida como objetivamente dada, sem que se pergunte, o que é a experiência que tomo como objeto de estudo. Como

conclusão, acaba por emitir julgamentos empíricos, com sua pretensão de serem científicos.

Os psicólogos pensam que eles devem todo seu conhecimento psicológico à experiência, desse modo às lembranças ingênuas ou à penetração empática às lembranças, as quais, em virtude da arte metódica do experimento devem se tornar fundamento para as conclusões empíricas. (Husserl, 1965, p. 98).

Seguir o modelo das ciências naturais significa naturalizar a consciência e trabalhar na dimensão da natureza considerada como unidade do ser espaço-temporal sujeito às leis exatas da natureza. É desse modo que a psicologia trabalha com os fenômenos psíquicos imersa na tendência da racionalidade das ciências do período moderno, do mundo ocidental, que

[...] de acordo com o hábito de interpretação dominante de cada um, o cientista natural tem a tendência de olhar tudo como natureza e o cientista das humanidades olha tudo como espírito, como criação histórica; pela mesma fala ambos estão inclinados a falsificar o sentido do que não pode ser visto segundo seu modo de ver. (Husserl, 1965, p. 79).

Aqui se dá a virada no modo de tratar, segundo a racionalidade experimental das ciências naturais e exatas, todos os ideais teóricos, axiológicos, epistemológicos e mesmo os formais. Para explicar os fundamentos do conhecimento, a psicologia estrita passa a ser tomada como fundação das ciências humanas e, também, da metafísica. Husserl se coloca contra essa filosofia, afirmando serem ingênuas todas as ciências naturais. Ou seja, sua crítica incide na falta de questionamento do próprio método tomado em si como perfeito e da natureza dos objetos de seus estudos, enfim, critica a ausência do procedimento de análise transcendental dos fenômenos intencionados nas investigações que essas ciências efetuam.

Elas não devem o motivo de seu procedimento (das ciências

empíricas) a qualquer revelação, mas à penetração do sentido das experiências em si, ou o sentido do ser nelas. Assim, embora já 'dadas' na experiência 'vaga' são dadas apenas de modo confuso. Consequentemente a questão se impõe: como são as coisas realmente? Como são elas determinadas com validade objetiva? Mediante qual método são elas tomadas como as 'melhores experiências' e como são melhoradas? (Husserl, 1965, p. 100).

No bojo dessas críticas, está também aquela que faz à história, entendida aqui como história fatural, ciência da vida empírica do espírito. Sua crítica se estende para além da racionalidade da ciência moderna, efetuada em termos da matematização da natureza exposta ao analisar o feito galilaico, abrangendo o modo de as ciências do espírito trabalhar, em especial a história. Esta, segundo esse autor, busca interpretar toda realidade e toda verdade como sendo relativa ao conhecimento histórico. Este, por sua vez, tem como procedimento estudar o desenvolvimento dos acontecimentos e suas origens. É nessa direção que Husserl toma Dilthey como o maior representante desse modo de proceder, criticando-o em termos de sua filosofia relativista.

Para que compreendamos a crítica efetuada por Husserl, trago, nos parágrafos que seguem, uma explanação do exposto por esse autor, a esse respeito.

Dilthey, já no capítulo "Introdução: o antagonismo dos sistemas" (Dilthey, 1992, p. 15)², traz o trabalho da psicologia analítica e formal do século XVII que destaca as formas e os processos mediante os quais se realiza o desenvolvimento do homem, esclarecendo as possibilidades de determinar o próprio conteúdo do psíquico. Como base desse trabalho, sempre esteve à sua disposição o tipo

² Dilthey, W. Os tipos de concepção de mundo. www.lusofia.net, tradutor Artur Morão. Esta versão, conforme o tradutor, é uma tradução mais apurada e ressarçada do *Weltanschauungs Lehre*" (1910?) para o português, também efetuada por Artur Morão, da Universidade de Lisboa. Lisboa: Edições 70. , 1992. Aqui me valho de ambas, conforme a clareza do tema abordado.

altamente desenvolvido do homem europeu, expresso pelo conceito da “humanidade do século XVIII”. Afirma:

Este conceito encontra-se ainda em Herder em luta com a consciência histórica que está a irromper: história é a multiplicidade em desdobramento das formas humanas da vida, diversidade que radica na força genética da natureza humana e que entra na existência por ação das diferentes condições geográficas, climáticas e sociais da vida. (Dilthey, 1992, p.18).

Esse modo de ver está fundado na concepção de desenvolvimento das mudanças ocorridas em termos de visões de mundo e de ciência e, também, está em consonância com a teoria evolutiva da ciência natural. Ao ser efetuado um estudo dos povos primitivos, o modelo evolucionista é trazido para a história, tornando-se possível vê-la e estudá-la do ponto de vista histórico-evolutivo. O próprio Dilthey afirma que “a teoria do desenvolvimento que assim surgiu está necessariamente unida ao conhecimento da relatividade de toda forma de vida histórica” (Dilthey, p. 8, www.lusofia.net).

Essa relatividade está ligada à variedade de modos de a vida se expressar constituindo visões de mundo, o que vem a se constituir como, nessa época, era entendido por fato histórico.

À variabilidade das formas humanas de existência corresponde a multiplicidade dos modos de pensar, dos sistemas religiosos, dos ideais morais e dos sistemas metafísicos. É um fato histórico. Os sistemas filosóficos mudam conforme os costumes, as religiões e as constituições. Revelam-se, portanto como produtos historicamente condicionados. O que é condicionado por circunstâncias históricas é igualmente relativo no seu valor. (Dilthey, 1992, p.18).

Cada sistema que expõe uma visão de mundo de uma época e comunidade pretende apreender o vínculo cósmico, expondo uma validade universal. Entretanto, esse modo de proceder tem, como

conseqüência, uma gama de sistemas que se mostram em conflito, uma vez que apresentam visões diferentes. De acordo com Dilthey, a formação da consciência histórica ajudará a superar a contradição entre a pretensão à validade universal de cada sistema filosófico e a anarquia histórica desses sistemas.

Aponta como uma antinomia o próprio objeto da metafísica que visa ao conhecimento objetivo da conexão da realidade efetiva, tomado como base para o homem assumir-se nessa realidade. Entretanto esse conhecimento metafísico sai de seus limites para o desconhecido e, ainda, acaba por transformar em metafísica apenas uniformidades nas relações dos fatos, ao estender hipoteticamente essas relações a toda realidade efetiva. Como um sistema, ainda que fosse apresentada uma síntese do conhecimento de uma época, não daria conta de oferecer suporte à existência do indivíduo. Dilthey avança dessa antinomia e aponta mais uma, a respeito da consciência histórica e esses sistemas metafísicos. Entende que o modo de ligação do saber de uma época está condicionado à posição de consciência, sendo, assim, sempre uma expressão subjetiva e provisória dessa última. Pergunta-se se haverá solução para essa antinomia. Indica que, se possível for, será por meio da auto-reflexão histórica que deve, então, converter em seus objetos os ideais humanos e as concepções de mundo. Estaria, portanto, apontando uma perspectiva de solução, lançando mão da história da filosofia e da sistemática filosófica, de tal modo que a filosofia atenderia às necessidades de superar as antinomias apontadas, na medida em que ela chegasse a um entendimento com a consciência histórica. A aplicação da consciência histórica à filosofia e à sua história trabalharia contra um ceticismo assumido frente à multiplicidade de sistemas metafísicos.

Entretanto esse estudo histórico, para Dilthey (1992), deve ser levado a cabo pelo método da comparação entre os sistemas, englobando o estudo da psicologia. Exige uma análise psicológica

da arte, da religião e da filosofia como suportes da concepção da vida e da mundividência. Nesse método funda a busca das formas capitais nas diversas épocas, na exposição de antinomias etc., desembocando na solução do acima mencionado.

Husserl, no *Filosofia como Ciência Rigorosa* (1965) comenta que é essa visão de mundo que, ao modo costumeiro dos sistemas que se tomam como universais, na época moderna com o desenvolvimento das ciências exatas e da natureza, que sempre solicitam a objetividade dos fatos com os quais trabalham, passa a ser denominada de metafísica. Com isso, surge para a filosofia a tarefa de investigar a estrutura morfológica e a tipologia dessas ciências, dando destaque às suas conexões de desenvolvimento, de modo a tornar historicamente compreensível as motivações espirituais que motivam sua essência, revivendo-os a partir do seu interior. Esse é o modo de a história proceder, nesse momento, conforme o entendimento de Husserl.

O historicismo, que diz dessa visão de história, conduz ao subjetivismo cético, pois está sempre a buscar comparações entre os diferentes sistemas metafísicos, mesmo que atente para as conexões possíveis dos seus modos de explicar a realidade. A validade das ideias desenvolvidas repousa no seu aspecto factual, sendo sua validade contingente.

Fatos do desenvolvimento histórico, mesmo os fatos mais gerais concernentes à maneira de desenvolvimento próprio dos sistemas como tal, podem ser razões, boas razões. Mesmo assim, razões históricas produzem apenas consequências históricas. O desejo ou de provar ou de refutar ideias com base nos fatos é um não senso – de acordo com a referência que Kant faz: ex pumice acquam. (Husserl, 1965, p. 126/7).

É interessante que mesmo nessa obra Husserl faz uma ressalva significativa em relação à história, ainda que a critique e não a aceite por ser factual e naturalista. Afirma:

Se, então, eu olho para o historicismo como um erro epistemológico que, por causa de suas conseqüências, deve ser rejeitado sem mais como o foi o naturalismo, mesmo assim eu gostaria de enfatizar expressamente que eu reconheço plenamente o valor extraordinário da história no amplo sentido para o filósofo. (Husserl, 1965, p.129).

Essa sua afirmação revela o valor que atribui, já em 1910, à história. A visão de história como fatural, que ele enfaticamente rejeita, na década de 1930 dará lugar a outro pensar sobre história, na direção de buscar por uma história transcendental.

A busca por uma história fenomenológica e transcendental

Na década de 1930 sua preocupação com a história revela-se de modo contundente. Agora seu pensamento se dirige em busca de uma história fenomenológica transcendental. Aparecem as ideias sobre o a priori histórico, o horizonte do mundo-vida; é dada ênfase à linguagem. Na mesma época, apresenta também sua preocupação com a *crise* da filosofia europeia e sua compreensão de *renovação* dessa filosofia, preocupação essa que já havia sido expressa em 1922, no artigo publicado na Revista Kaizo (Husserl, 2006).

Husserl volta ao tema da história no “A Crise das Ciências Europeias e Fenomenologia Transcendental” (Husserl, 2008)³, porém agora sob enfoque diferente daquele assumido no “Filosofia como ciência do Rigor”, ou seja, intenciona uma história que busque pela “origem” e não aquela que se atém ao relato do desenvolvimento e encadeamento dos fatos “históricos”. E vai além da busca pela origem, preocupando-se em mostrar como o evidenciado na origem

³ Estou me valendo da tradução para o português editado em 2008, pela Phainomenon da obra publicada em 1954 em alemão pela Martinus Nijhoff, The Hagues, e, também, da tradução dessa mesma edição para o inglês, publicada em 1970. O escrito nessa obra foi apresentado em novembro de 1935 nas conferências que Husserl proferiu em Viena e em Praga em 1935, mas publicado como livro apenas em 1954.

se enrola em compreensões e expressões/compreensões entre sujeitos, que, pela linguagem e pela tradição vai se mantendo presente ao mundo histórico-cultural, que, também, pode ser entendido como o mundo do a priori histórico onde vivemos na circunvizinha do que aí está como dado.

No § 9 do “A Crise” afirma:

Procuraremos a compreensão da unidade que vigora em toda a definição histórica de metas, em todas as divergências e convergências das suas transformações, e, numa crítica permanente que tem sempre em vista a conexão histórica total, como conexão pessoal, procuraremos discernir, por fim, a única tarefa histórica que pessoalmente podemos reconhecer como nossa. Trata-se de discernir não a partir de fora, do facto, e como se o devir temporal em que nós próprios estamos inseridos fosse uma mera sequência causal exterior, mas a partir de dentro. Só assim temos uma tarefa que nos é própria, nós, que não só temos uma herança espiritual, mas também que nada somos senão resultado histórico-espiritual. (Husserl, 2008, p. 87/88).

No anexo II § 9a da edição portuguesa e no apêndice VI da edição americana, denominado “A origem da Geometria”⁴ encontra-se um esclarecedor trabalho sobre o modo pelo qual Husserl estava então compreendendo a história, bem como, além de trazer uma excelente reunião de importantes ideias trabalhadas em outras obras, deixa abertas possibilidades de trabalhar-se com procedimentos inovadores em investigações sobre temas de história.

A questão da “origem” no “A Crise das ciências europeias” aparece com dois sentidos. Ele fala de origem, como ato em que

⁴ Na edição America o tradutor coloca a seguinte nota: “este manuscrito foi escrito em 1936 e foi editado e publicado (começando pelo terceiro parágrafo) por Eugen Fink na *Revue Internationale de philosophie*, V.I, No.2 (1939) sob o título ‘*Der Ursprung der Geometrie als intentional-historisches Problem*’. Aparece na edição de Biemel do *Crisis* como ‘*Beilage III*’, PP.365-86. Os primeiros parágrafos sugerem que foi intencionado para ser incluído no *Krisis*”. (Husserl, E. 1970, p.353).

se dá um ver claro, uma evidência, e em origem como origens da situação em que a Europa então se encontra naquele começo da primeira metade do século XX, focando, as questões científico-críticas filosóficas. Nessa direção, sua preocupação é com os aspectos histórico-teleológicos da humanidade européia. O primeiro sentido está tematizado no “A Origem da Geometria” (Husserl, 2008, p. 360) e o segundo, no “A Crise da Humanidade Europeia” (Husserl, 2008, p. 317). Em ambos os trabalhos, seu modo de ver a história e a importância que a ela atribui estão presentes.

Entretanto, o conceito de “origem” nos primeiros trabalhos de Husserl designa um processo de abstração mediante o qual nós nos locomovemos de objetos concretos e individuais a conceitos gerais. Este modo de ver “origem” está presente no seu trabalho sobre a origem da aritmética e está bastante próximo ao modo pelo qual os empiricistas trabalham com a questão da abstração. De acordo com Miller

Nesses trabalhos (iniciais) ele primeiro descreve o “fenômeno concreto” que forma a base para nossa abstração do conceito de número e, então, avança na discussão dos próprios processos de abstração. (Miller, 1982, p. 35).

No “A origem da geometria” esse termo diz da síntese intencional mediante a qual os próprios objetos concretos são constituídos para o sujeito.

Este último sentido de origem – origem no sentido de constituição ao invés de abstração – certamente não exclui o primeiro. Mas chama a atenção para um nível mais profundo do problema da origem. (Miller, 1982, p. 35).

Esse problema está entrelaçado às análises de evidência, verdade e ser que estabelecem a distinção entre intenções “vazias” e “preenchidas”. Nas primeiras o objeto é intencionado em uma variedade de modos, porém não é dado em uma evidência intuitiva.

“Nesse caso podemos dizer que o objeto é intencionado em sua ausência” (Miller, 1982, p.35). O objeto também pode ser dado de modo direto e intuitivo, o que caracteriza o ato intencional preenchido, significando que o objeto é intencionado em sua presença. Este significado é o que Husserl denomina de intuição originária. Esta se dá no agora, no instante do vivenciado sem intermediação do signo que possa apontar e expressar o intuído.

A ponta do instante, a identidade do vivido presente a si no mesmo instante, carrega, portanto, todo o peso dessa demonstração. A presença a si deve se produzir na unidade indivisa de um presente temporal, para não ter nada a se dar a conhecer através de uma preocupação do signo. Essa percepção ou intuição de si por si na presença seria não apenas a instância na qual a “significação” em geral pudesse ocorrer, ela asseguraria, também, a possibilidade de uma percepção ou de uma intuição originária em geral, isto é, a não significação como “princípio dos princípios”. E, posteriormente, cada vez que Husserl quiser marcar o sentido da intuição originária, lembrará que ela é a experiência da ausência e da inutilidade do signo. (Derrida, 1994, p.70)

É essa origem que ele busca no “A origem da Geometria”. Ele quer, mediante o exemplar da constituição dessa ciência, mostrar que o presente dá

[...] a própria certeza ideal e absoluta de que a forma universal de toda experiência (Erlebinis), e logo toda a vida, sempre foi e será o presente. Só há e só haverá o presente. O ser é presença ou modificação da presença. (Derrida, 1994, p.63).

Essa é a base de sua proposta do estudo da história: estudá-la a partir do presente. Esta questão será elucidada ao tratarmos dos aspectos metodológicos da investigação da história.

No “A Crise da Ciência Européia e a Filosofia”, Husserl tematiza o conhecimento ocidental, primordialmente a ciência e a filosofia,

tratando-o do ponto de vista de sua história. Está enredado na questão de buscar o solo em que a ciência europeia se funda, efetuando, para tanto, uma redução fenomenológica do mundo-vida, mostrando ser o conhecimento direto que realizamos, de modo pré-predicativo nesse mundo, a ciência primeira e, a ciência teórica, predicativa, uma segunda forma de conhecer.

Quando fala da ciência europeia ou da forma espiritual da Europa, está se referindo à cultura da razão, que, seguindo os dizeres de Alves (Alves, 2006, p. 11) “é a cultura filosófica”. Portanto, não está se atendo a uma delimitação geográfica e econômica da ciência europeia, mas busca pela *origem* dessa razão e revela seu entendimento pela *renovação* dessa filosofia que se desviou de sua trajetória, entrando em *crise*, ao cair prisioneira de um pensar naturalizado. Afirma:

“A forma espiritual da Europa” – o que é isso? É mostrar a ideia filosófica imanente à história da Europa (da Europa espiritual) ou, o que é o mesmo, a sua teleologia imanente, que se dá a conhecer, do ponto de vista da humanidade universal enquanto tal, como rompimento e começo de desenvolvimento de uma nova idade do homem, a época da humanidade que doravante não mais pode e não mais quer viver a não ser na livre formação da sua existência, da sua vida histórica, a partir de ideias da razão, a partir de tarefas infinitas. (Husserl, 2008, 322).

Para ele essa razão se origina na Grécia Antiga, nos séculos VII e VI A.C., quando surge uma “atitude de tipo novo dos indivíduos para com o mundo circundante” (Husserl, 2008, p. 324) e que os gregos a denominam de Filosofia. Em torno dessa razão, segundo esse autor, desenvolve-se uma comunidade filosófica que se constitui um núcleo de um espírito de cultura universal que atrai o todo da humanidade (ocidental), produzindo uma progressiva mutação sob a forma de uma nova historicidade. Trata a historicidade como sendo

o modo pelo qual essa cultura se desenvolve. Para tanto traz as ideias de comunicabilidade e de tradição que retoma no “A Origem da Geometria” (Husserl, E. 2008).

Vou me ater, neste artigo, a esse trabalho, para focar a questão da história, dada a complexidade em que essa concepção husserliana está enredada, uma vez que abrange as ideias de origem, de idealização, de intropatia, de linguagem, de comunicação, de tradição e foca a Geometria, pensar teórico, como um exemplar dessa complexidade. Assim Husserl se manifesta:

A questão da origem da geometria (título sob o qual, para maior brevidade, compreendemos o conjunto de todas as disciplinas que se ocupam das figuras matematicamente existentes na pura <366> espaço-temporalidade) (Husserl, 2008, p. 370).

Nesse texto que tem como título “A Origem da Geometria”, Husserl começa focando essa ciência e se põe em atitude de não tomá-la como comumente tem sido transmitida e como se mostra naquele momento presente, mas busca pelo significado original de geometria, inquirindo retrospectivamente a partir dessa ciência que aí está dada pela tradição. Sua perplexidade se manifesta ao afirmar que esse significado original continuou como válido de modo que essa ciência permaneceu desde então tão somente como “Geometria”. Já no primeiro parágrafo desse texto ele aponta que, ao tratar dessa ciência, tomada como exemplar, as considerações que virá a tecer o levarão, necessariamente, a abordar os problemas mais profundos que abarcam questões da ciência e da história em geral e da universal.

Destaca que, embora seja um trabalho histórico, a história também não é trabalhada de modo usual, mas já anuncia que a tomará de maneira diferenciada daquela fatural ou mesmo desenvolvimentista, como tratado no item anterior deste artigo, quando ele menciona Dilthey e a ciência moderna com seu modelo epistemológico.

Com essas indicações anuncia seu propósito e sua expectativa: tratar de maneira diferenciada origem, história, tradição e avançar em termos de uma história universal e de uma compreensão abrangente e profunda sobre ciência. Há um emaranhado de ideias que se enrolam em sentidos e significados, de modo que se torna impossível separá-las, a não ser por uma questão de exposição.

Iniciarei pelo aspecto metodológico da investigação histórica, por entendê-lo significativo, tanto em termos da própria apresentação do autor, como por abrir possibilidades de pesquisas que tomem por tema aspectos históricos e proponham-se a trabalhar conforme o explicitado neste texto “A Origem da Geometria”.

Husserl toma o dado no presente e se lança à investigação em um trabalho fenomenológico retrospectivo, em termos das ideias nucleares da ciência, tomada como foco de pesquisa. E o que é dado, em termos da ciência, portanto conhecimento teórico e predicativo, o é em termos da tradição, que, por sua vez, traz todo o mundo cultural consigo. O que nos é dado, em termos do exemplo por ele mencionado, o da ciência “Geometria”, está ali, presente em sua imediatez posta em termos práticos e teóricos. É como se estivéssemos olhando-a e nos locomovendo em sua superfície, aquela do momento do “agora” em que olhamos interrogadoramente para isso que nos é dado. Assumindo a postura de inquirir intencionalmente, locomovemo-nos para o mais profundo, ou seja, para um agora que se afasta deste, e vamos desnudando camadas de atos sensoriais, psicológicos e espirituais que vieram constituindo esta ciência, tal como nos é dada no presente. Mas este presente é o do mundo-vida em que vivemos, com sua maneira de ser. Ele traz consigo todo o passado cultural e todas as prospecções para um futuro, mas nós o vivemos no agora. Isso significa que nos locomovemos em um horizonte histórico e que, entretanto, podemos, intencionalmente, investigar sua estrutura essencial de

modo metódico. Esse inquérito retrospectivo intenciona as origens dos atos evidentes que sempre têm como correlato os materiais primeiros que estão em um mundo cultural pré-científico. Husserl faz menção, então, a um a priori contido nessa historicidade.

E aqui nos deparamos com perguntas postas por nós, ao estudarmos atentivamente esse texto e ao vermo-nos no movimento do pensado por estudiosos como Derrida (1994) e Carr⁵. O mundo-vida é histórico? O a priori da historicidade está dado no mundo-vida, em termos de materiais primeiros? Carr assim se expõe:

[...] Mas em qualquer caso o mundo-vida apresenta o programa fenomenológico de Husserl com duas dificuldades. Uma questiona um dos aspectos mais importantes de toda a teoria de Husserl, a outra ameaça minar sua exigência por rigor. No primeiro caso, se tomarmos seriamente o caráter pré-dado do mundo-vida, sobre o qual o autor insiste repetidamente, o Husserl do idealismo parece estar em dificuldades. Embora o conhecimento teórico do mundo possa depender da consciência para sua 'constituição', o mundo-vida parece prover os materiais dados com os quais a consciência trata. (Carr, 1970, p. Xli). (nossa tradução).

Avancemos destacando a questão da origem e seu significado, não nos afastando do método exposto por Husserl no “A Origem da Geometria”. Voltaremos a essas perguntas no final desta exposição.

Enquanto procedimento metódico temos o presente em que vivemos no mundo-vida e seu horizonte histórico. Partimos desse presente, que é o que nos é dado, e vamos interrogadoramente “desfolhando” as camadas das ideias nucleares constitutivas dessa ciência que está no aí teórico e prático do mundo-vida. Caminhamos em busca do ato original; do “estar-lá original na imediaticidade (Aktualität) de sua primeira produção, isto

⁵ David Carr é o tradutor do “A Crise das Ciências Europeias” para o inglês e escreve uma introdução a essa obra em que apresenta explicações, destaca partes significativas e coloca perguntas. (Husserl, E. 1970).

é, na auto-evidência original [...]” (Husserl, E., 1970, p. 359) que se dá em uma subjetividade.(nossa tradução).

Entretanto, o ato original dá-se no instante do agora e como tal é passageiro, além de se dar na subjetividade de um sujeito. Mas a ciência Geometria não é um feito individual e psicológico. Ela perdura, tanto que nos chega pela tradição. Como?

Husserl aqui traz a retenção da auto-evidência, o enfraquecimento disso que é retido com o passar do tempo, mas, também, a capacidade de recordar de modo ativo isso que foi experienciado de modo original. Nessa capacidade de recordar encontra-se a possibilidade de repetição de uma produção real, gstando a auto-evidência da identidade. Instala-se uma capacidade de repetição ilimitada da auto-evidência, pelo ato de recordar, constituindo uma identidade da estrutura por toda a cadeia de repetições: está intervindo, então, a operação idealizadora. Entretanto, ainda assim, embora tenhamos o ato objetivante, não temos sua realização, tal como se presentifica no mundo-vida. Para tanto, Husserl aponta o ato da intropatia e a linguagem.

Ambos – intropatia (Einfühlung) e linguagem – são nucleares à comunicação entre sujeitos e, desse modo, à constituição da esfera da intersubjetividade. São nucleares à condução e manutenção da tradição e, portanto, estão presentes à história e, colocando-se esta como tema, constituem material para a investigação dos atos originais. Ou seja, não podemos proceder à investigação histórica a partir do presente, sem que nos detenhamos nos sentidos e nos significados dos signos, das palavras orais e escritas, da voz como expõe Derrida (Derrida, 1994) e da visão de mundo, usos e costumes que tecem fios, unindo sujeitos em uma comunidade que se mantém e renova em sua historicidade.

A intropatia é basicamente conhecimento do outro que se desenvolve nas vivências em que o outro é dado (trazido, exposto)

ao *eu* em sua corporeidade. É uma percepção constituinte da intersubjetividade. Não se trata, assim, de um conceito teórico ou de uma afirmação predicativamente construída. É uma experiência do outro, empiricamente vivida e colocada, por Husserl (2002), fenomenologicamente em epoché, de modo que se escavam sentimentos, emoções, intuições, reflexões que são vividos nessa experiência. Esse procedimento conduz regressivamente às operações constitutivas desse conhecimento, a partir do movimento de auto-focar-se e auto-perceber-se, efetuado por aquele que procede à redução mencionada, fundado na reflexão do que se mostra na vivência com o outro. No ato da percepção entropática se estabelece uma ligação permitida pela constatação do “igual a mim”, ou seja, o outro a quem me posso expor, pois pode compreender comigo o que estou compreendendo de minha experiência vivida. Mas este ato, ainda que fundante da comunicação intersubjetiva, não a consoma, pois em si não expressa. Há que se contar com os signos que indicam e com a palavra que, pela voz, diz.

A linguagem expressa o entrelaçamento entre o intencionado, o dito pela voz, o mantido na historicidade pela tradição uma vez que ela pode ser escrita e, mais do que isso, ela possibilita uma atividade “lógica” característica, “ligada especificamente à linguagem, bem como a configuração cognoscitiva ideal que nela se gera especificamente” (Husserl, E., Anexo III, 2008, p. 380). O ato objetivante pode, então, se consumir. Ele se torna idealmente objetivo e, como tal, passível de ser transmitido e retomado de modo passivo pela consciência ou no modo de uma produção ativa, quando, intencionalmente, é possível à consciência reativar o ato espiritual originário. E então, a iteração da idealidade que ocorria na esfera subjetiva, agora é estendida à esfera intersubjetiva, adentrando a cadeia das repetições do idêntico.

Mas a linguagem ainda cumpre mais, conforme se pode

entender no “A Origem da Geometria”: a possibilidade da efetivação da lógica formal e transcendental.

O juízo explicitado e clarificado torna-se numa objetualidade ideal transmissível (tradierbar). Esta objetualidade é o que a lógica exclusivamente visa quando fala de proposições ou juízos. E assim se designa universalmente o domínio da lógica, ele é universalmente a esfera do ser a que a lógica em geral se refere, na medida em que é teoria formal da proposição (Husserl, E., Anexo III ao § 9a, 2008, p.381).

A lógica proposital e sua gramática encadeiam em uma conexão de inferência racional, dedutiva ou indutiva, as premissas e o que elas dizem. Fazem isso mediante a linguagem escrita que permanece com seus signos passíveis de serem decifrados de maneira que, na intencionalidade da consciência, é possível chegar às evidências primeiras, e, de modo semelhante, é possível ver com clareza os encadeamentos seqüentes a partir das premissas. Ela também permite que se permaneça no nível da passividade em que tomamos conhecimento do que está aí sendo trazido nesse encadeamento, porém não adentramos a cadeia que nos leva à evidência dos atos originais. Mas, em qualquer dessas possibilidades presentifica-se, mediante a tradição, a historicidade.

Desse modo, parece que, começando com as auto-evidências primeiras, a genuinidade original se propaga através da cadeia de inferência lógica, não importa quão longa ela seja. Ela transcende a finitude individual e mesmo cultural e social, pois traz consigo a remoção de limites de nossa capacidade, indo em direção a um encadeamento infinito. Nisso está a idealização permitida pela lógica e, portanto, também pela linguagem. Aí se encontra a base do procedimento histórico que retroativamente interroga pela origem. Aí se encontram tanto a possibilidade de um pensamento genuíno que busca pela origem dos atos evidentes, quanto aquela de se

permanecer sob o jugo do fascínio da linguagem, da lógica e da própria ciência, quando se fica no nível da repetição de suas fórmulas.

A dedução segue, no seu progredir, a evidência formal-lógica, mas sem a capacidade efectivamente formada da reativação das atividades originárias contidas nos conceitos fundamentais, ou seja, também do *quê* e do *como* dos seus materiais pré-científicos, a geometria seria uma tradição vazia de sentido, que, caso nos faltasse a nós próprios essa capacidade, não poderíamos sequer saber se ela tem ou alguma vez teve um sentido genuíno, efectivamente recuperável. (Husserl, 2008, Anexo III ao § 9a, p.383).

Entretanto Husserl aponta que raramente essa atividade de busca desse *que* e *como* é efetuada, afirmando,

Como se cumpre efetivamente a tradição da formação de sentido dos conceitos elementares vemos no ensino geométrico elementar e nos seus manuais; o que lá efetivamente aprendemos é a tratar, numa metódica rigorosa, com os conceitos e proposições já prontos. [...] Acrescem ainda, como se deverá tornar visível mais abaixo pela discussão da matemática histórica, os perigos de uma vida científica inteiramente devotada às atividades lógicas. (Husserl, Anexo III ao § 9a, 2008, p.283).

Percorrendo retroativamente essa cadeia lógica da linguagem proposicional, orientados por uma interrogação que, intencionalmente posta, conduz a investigação, desvelando ideias originais, bem como a constituição de idealizações, podemos efetuar uma pesquisa histórica, conforme Husserl apresenta no “A Origem da Geometria”

Toda explicitação e todo o transitar da elucidação para a evidenciação (ainda que perca o fio demasiado cedo) não é senão um descobrimento histórico; em si mesmo, e segundo a sua essência, trata-se de algo histórico e, como tal, traz em si, necessária e essencialmente,

o horizonte de sua história. (Husserl, 2008 p.387).

Com essa afirmação, Husserl sai do contexto do encadeamento lógico da linguagem proposicional, e adentra a totalidade da cultura, que, para ele, implica uma continuidade de passados que se implicam mutuamente. Vê essa continuidade como uma unidade da transmissão, que se constitui como um tradicionalizar.

À página 388 (Husserl, Anexo III ao § 9a, 2008) esse autor volta a chamar à cena a Geometria, agora para dizer que colocar em evidência a Geometria é um descobrimento de sua tradição histórica. Entretanto, esta tradição aqui está significando que, ao procedermos de modo sistemático a investigação a partir do presente e acerca do presente, ela oferece o a priori universal da história em seus constituintes mais substanciais. Afirma, então, o que compreende por história: “Podemos então dizer que a história não é, de antemão, outra coisa senão o movimento vivo da comunidade e da co-inclusão da formação e da sedimentação originárias de sentido. (Husserl, Anexo III ao § 9ª, 2008, p. 388)”.

Saímos, definitivamente, da região do encadeamento da linguagem lógica e adentramos a região do sentido. “O fato histórico [...] tem necessariamente a sua estrutura interna de sentido” (Husserl, Anexo III ao § 9ª, 2008, p.388). O sentido aponta para a experiência vivenciada e esta se dá em um corpo encarnado no mundo-vida e no momento presente. Mas, também, o sentido é uma doação das coisas do mundo-circundante-das-coisas-e-da-cultura. Este

[...] é o mundo dos produtos transmitidos, aquisições de atividades anteriores e das formas transmitidas do agir com sentido, como acontecer cultural objetivo. Correlativos são, porém, as pessoas e o horizonte total pessoal inteiro para cada pessoa pertencente ao mundo circundante, e nele estão com a espiritualidade pessoal que se configurou na acção e

a partir dela (como espólio espiritual nele essencialmente determinante), e que no agir presente continua hoje em formação. (Husserl, Anexo XXVI, 2008, p. 522).

Essa totalidade acima explicitada faz da existência humana e, correlativamente do mundo circundante humano pessoal e de coisas, uma existência histórica. Esta constatação leva Husserl a afirmar “A historicidade nesse sentido mais geral esteve sempre já em curso e, no seu curso, é precisamente um universal pertencente à existência humana” (Husserl, 2008, p.523).

Desse modo, está sendo colocada a questão do a priori histórico para a história que, por sua vez, é o a priori do conhecimento científico. Mas este, como foi exposto acima, é uma cadeia que envolve os atos espirituais e também os psíquicos, portanto de uma subjetividade individual e corpórea. Ou seja, de uma subjetividade que efetua atos, os quais são duplamente históricos: por que a historicidade é um universal pertencente à existência humana e porque essa subjetividade é encarnada e está no mundo-vida que tem seu horizonte histórico.

O próprio Husserl se interroga sobre essa questão que é complexa:

Entretanto, recapitulemos novamente que os factos históricos (e também o facto presente, de que existimos) só são objetivos com base no a priori. Mas o a priori pressupõe, por sua vez, o histórico? (Husserl, Anexo II ao § 9 a, 2008, p.367).

Ele se preocupa com o a priori histórico e, mais uma vez, no “A Origem da Geometria” retoma o significado do a priori para a história factual, para explicitar que recorre a uma evidencia incondicionada, que vai além de todas as facticidades históricas, uma evidência efetivamente apodíctica. Afirma,

O que, em si, é historicamente o primeiro, é o nosso presente. Sabemos sempre do nosso mundo presente,

e sabemos que nele vivemos, cercados sempre por um horizonte infinito e aberto de efetividades desconhecidas. Este saber, como certeza de um horizonte, não é algo de aprendido, um saber que tenha sido alguma vez actual e que somente se tenha tornado imerso como um pano de fundo; a certeza do horizonte tinha já de ser pressuposta, para poder ser explicitada tematicamente, e já pressuposta para que se queira saber aquilo que ainda não se sabe. (Husserl, E., Anexo III ao § 9 a, 2008, p. 391-2).

Retomando os questionamentos

Retomo, agora, o questionamento do Carr (1970), que assim resumo:

Carr argumenta que se levarmos a sério o pré-dado do mundo-vida, então o idealismo inicial de Husserl parece estar em dificuldade. Diz ainda que, embora o conhecimento teórico possa depender da consciência para sua constituição, o mundo-vida parece prover o material dado com o qual a consciência lida. Se, por outro lado, argumenta Carr, Husserl trata da constituição transcendental, como ele mesmo insiste, então na descrição do mundo-vida se perde o que estava escrito como aspecto essencial – seu ser dado como tal. Porém, ainda seguindo a argumentação desse autor, em ambos os casos surge uma segunda dificuldade: a tentativa de descrever o mundo-vida como uma atividade teórica, uma teoria fenomenológica de ordem mais elevada. Continuando, argumenta: mas, se toda atividade teórica pressupõe a estrutura do mundo-vida, então isso deve valer também para a fenomenologia que, nesse caso, não poderia dar-se sem pressupostos. E David Carr termina dizendo: Husserl precisa mostrar que a fenomenologia pode efetuar o *telos* de toda teoria sem ser “pega” em sua “arché”.

Não vejo esses paradoxos na fenomenologia husserliana como um todo e, especificamente, no que concerne à história e à historicidade.

Entendo que o mundo-vida é o mundo já dado e que compreende toda a formação histórica e deve ser interrogado, voltando-se à subjetividade e à intersubjetividade para que se compreenda como nascem os produtos culturais que caracterizam tal mundo. Ele provê o material e o faz de dois modos: como pré-predicativo e como pré-teorético. Pré-predicativo, pois é o mundo da experiência imediata. Pré-teorético, pois nesse mundo já é dada a comunidade, e com ela a linguagem de modo ingênuo. Compete à atitude fenomenológica colocar ambos em evidência, analisar e refletir sobre o material enlaçado no noesis-noema. Esse procedimento é fenomenológico. Não ignora o pré-dado, mas o enlaça. Ao trabalhar com o pré-predicativo dá conta da constituição do objeto pelo sujeito, da visada da ciência natural e da visada da fenomenologia. Ao trabalhar com o pré-teorético, dá conta do formal da ciência exata formal.

Aponto, ainda, a ponderação de Derrida assim expressa:

E, ao contrário do que a fenomenologia – que é sempre fenomenologia da percepção – tentou nos fazer acreditar, ao contrário do que nosso desejo não pode deixar de ser tentado a crer, a própria coisa se esquia sempre (Derrida, 1994, p.117).

Não entendo como esse autor. Compreendo que a fenomenologia é sempre fenomenologia da percepção, pois seu princípio é o presente, a vivência do agora a qual engendra toda produção de nossas concepções de mundo. E Husserl sempre se preocupou com o fenômeno, com o que se mostra nessa vivência. A coisa sempre foi anunciada na fenomenologia husserliana como se mostrando e se constituindo para nós, seres humanos, por perfis e por indícios. Dai que ela nunca nos foi prometida como

possibilidade de nós a apreendermos e a mantermos e mantermo-nos com segurança. A terra prometida, na filosofia de Husserl, não é a da segurança, mas a do sentido que o mundo que faz para nós.

History and Historicity in Edmund Husserl

Abstract: This paper addresses History and Historicity in Husserl's thought. An analysis of his work is developed on the conceptions about History and Psychology since the beginning of his life, as a researcher, to the last period of his production. It focuses on the main ideas that constitute the nucleus of his vision of historicity, as the I, the Other, origin, intersubjectivity, empathy, language, the constitution of the ideality of the objectivities of Mathematics as a science and the way they last in the culture. It emphasizes the primacy of the present in the historical conception he presents.

Key-words: Phenomenology; History, Psychology; historicity, origin; moment present.

REFERÊNCIAS

- ALVES, P.M.S. 2006. "Introdução à edição Portuguesa" In: E. HUSSERL (1ª Ed.) *Europa: Crise e Renovação*. Lisboa, Centro de Filosofia, p. 9 – 15.
- CARR, D. 1970. "Translator's Introduction" In: E. HUSSERL (1ª ed.). *The Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology*. Evanston, Northwestern University Press, p. XV – xLiii.
- DE BOER, T. 1978. *The Development of Husserl's Thought*. 1ª Ed. The Hague/Boston/London: Martinus Nihoff, 545 p. (Tradução para o inglês de Theodore Platinga).
- DERRIDA, J. 1994. *A Voz e o Fenômeno*. (1ª Ed.) . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 117 p.
- DILTHEY, W. 1992. *Teorias das Concepções do Mundo*. 1ª Ed., Lisboa, Edições 70, 162 p. (Tradução de Artur Morão).
- DILTHEY, W. (s/d) *Os Tipos de Concepção de Mundo*. Disponível em: <http://www.lusosofia.net>. Acesso em: 7/8/2013 (Tradução de Artur Morão); 57. P.
- HUSSERL, E. 1965. "Philosophy as Rigorous Science". In: E. Husserl. (1ª ed.) *Phenomenology and the Crises of Philosophy*. New York, Harper and Row, p. 1 – 192. (tradução de Quentin Lauer).

-
- HUSSERL, E. 1970. *The Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology*. (1ª. Ed.) Evanston: Northwestern University Press, p. 3 – 405. (tradução para o inglês de David Carr).
- HUSSERL, E. 2002. *Idee per una Fenomenologia pura e per una filosofia fenomenológica*. Volume II. 1ª Ed. Torino: Einaudi, 524 p. (Tradução para o italiano de Enrico Filippini).
- HUSSERL, E. 2006. *Europa: Crise e Renovação*. Revista Kaizo. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, day month. (tradução de Pedro M.S.Alves e Carlos Aurélio Morujão).
- HUSSERL, E. 2008. Anexo XXVI ao §73 Est dio da historicidade. *Historicidade primeira*. In E. Husserl; (1ª Ed.). *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental. Uma Introdução à Filosofia Fenomenológica*. Lisboa, Phainomenon e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, p. 9 – 559. (Tradução Diogo Falcão ferrer).
- HUSSERL, E. 2008. Anexo II ao §9ª . In E. Husserl, 1ª Ed. *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental. Uma Introdução à Filosofia Fenomenológica*. Lisboa: Phainomenon e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, p. 9 – 559. (Tradução Diogo Falcão ferrer).
- MILLER, J.P. 1982. *Numbers in Presence and Absence: A study of Husserl's Philosophy of Mathematics*. 1ª ed. The Hague/Boston/London: Martinus Nihoff, 147 p.